



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE PROJETO MEMÓRIA ORAL

MAY BROOKING NEGRÃO

Hoje, 02 de outubro de 2007, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento da bibliotecária e ex-diretora do Sistema Municipal de Bibliotecas Públicas, May Brooking Negrão, para o Projeto de Memória Oral da Instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sérgio Teichner e na condução do depoimento, Daisy Perelmutter.

Daisy Perelmutter: A gente gostaria de iniciar este depoimento pedindo para que você nos relate um pouco do seu *background* familiar, origem, formação de seus pais.

May Brookin Negrão: Eu nasci no Rio de Janeiro, mas, com quatro anos, vim para São Paulo, tanto que não tenho nem mais “carioquice” no falar. Eu me considero uma paulistana, mas de origem carioca. Família toda carioca e, como todo brasileiro, com uma mistura bem grande sanguínea e uma influência assim de um avô paterno inglês, bem grande, por isto este nome que eu tenho, e também do outro avô materno, completamente brasileiro: gaúcho, militar gaúcho. Então eu sou uma mistura, como todo brasileiro, de várias correntes de imigração.

Cresci nesta cidade aqui, que eu adoro. Não moraria, acho, que em lugar nenhum do mundo. Já morei fora do Brasil, mas cresci e acompanhei o crescimento de São Paulo e conheci bastante mais a cidade quando fui diretora das bibliotecas, porque

daí, saí daquele entorno assim mais familiar e comecei a desbravar a cidade, indo para a periferia e conhecendo a periferia de São Paulo.

DP: E como é que foi a sua escolha pela biblioteconomia?

MBN: Uma vez eu li uma história em que as bibliotecárias eram mocinhas de boa família que gostavam de ler, então eu me considero uma mocinha de boa família que gosta de ler. Sempre gostei muito de ler. A leitura sempre foi muito importante em casa, então a escolha da profissão foi essa, pela leitura mesmo, pelo prazer da leitura.

DP: E naquele momento você fez a Escola de Sociologia e Política?

MBN: Não, não fiz. Antigamente tinha uma outra escola que era o *Sede Sapientiae*, que funcionou pouco tempo no *Sede Sapientiae*. Eu estudei no Colégio das Cônegas de Santo Agostinho, o antigo *Des Oiseaux*, e mais ou menos era praxe a gente sair do colégio e ir para o *Sede Sapiense* e tinha uma escola de biblioteconomia. Eu fiz lá, biblioteconomia.

DP: E a sua chegada... Bom, a gente estava conversando antes do início do registro, você trabalhou um pouco como bibliotecária na USP¹...

MBN: Eu trabalhei em várias. Quando estudante, eu trabalhei no Instituto Histórico e Geográfico, que foi muito interessante, me deu conhecimento bastante de história do Brasil e dos registros de história do Brasil. Depois trabalhei na Medicina da USP uns seis anos. Depois da medicina, fui para os EUA. Morei quatro anos lá e foi muito bom, porque eu conheci bem o que seria um verdadeiro sistema de biblioteca pública que funcionasse. Depois, quando eu voltei, trabalhei na Prefeitura. Depois fiz concurso para bibliotecária na Prefeitura e acabei me aposentando como bibliotecária da Prefeitura. E,

¹ Universidade de São Paulo.



na Prefeitura, trabalhei na administração com uma parte de documentação jurídica da Prefeitura. Depois vim para cá, em 1975.

Tive um intermédio também: entrei, saí um pouco do DAMU², pedi uma licença, passei um ano na Escola Graduada, na Escola Americana, como bibliotecária escolar. Depois vim para cá e me aposentei aqui. Depois que me aposentei, já fiz vários trabalhos, me aposentei, acho que em 1991, principalmente na Bireme³, que é um centro latino-americano de informação e ciência da saúde. Assessoriei também várias firmas, principalmente uma firma que trabalhou na arquitetura e no planejamento de arquitetura do Centro Cultural e continuo ligada, na área de projetos de biblioteca, com esta firma.

DP: E você chegou a ser uma usuária da Biblioteca Mário de Andrade antes de se tornar...?

MBN: Sim, cheguei a ser usuária, porque, pertinho daqui, a uns quatro quarteirões daqui, o colégio e a faculdade... Cheguei a ser usuária, mas não tanto assim. Conheci principalmente a biblioteca circulante que era aqui do lado. Aí eu sempre usei os livros bem antigos da biblioteca circulante.

DP: O que te chamou mais atenção naquele momento na Biblioteca, como usuária? Ela funcionava adequadamente?

MBN: Olha, naquele tempo, eu não tenho condições de dizer, porque, praticamente, eu só usava a biblioteca circulante. Eu já tinha bastantes livros em casa e usava mais para empréstimo de livros.

² Departamento de Administração do Município.

³ Centro Especializado da OPAS (Organización Panamericana de Salud) criado no Brasil em 1967, em colaboração com o Ministério da Saúde, Ministério da Educação, Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo e Universidade Federal de São Paulo.



DP: Então este espaço de leitura, de troca intelectual, isso já era muito forte?

MBN: Já, já era, porque era o único lugar que realmente você tinha à disposição mais livros para você ler em casa.

DP: E a sua chegada, então, quando você tornou-se diretora do departamento, foi num momento...

MBN: Primeiro eu vim ser chefe da Seção de Planejamento e, na Seção de Planejamento, nós trabalhamos com a antiga diretora, Dna. Noemi Do Val Penteado na elaboração do programa do que seria a grande biblioteca, que hoje é o Centro Cultural e que foi projetada como uma biblioteca com características de Centro Cultural, porque, quando o Dr. Olavo... Tinha aquele terreno lá onde é o Centro Cultural hoje e o secretário era o Sábado Magaldi. Eu estava na Seção de Planejamento e eles acharam que era melhor eu ir para a Europa conhecer o que estava se passando na Europa em termos de biblioteca pública. Fui a um seminário na Finlândia sobre bibliotecas públicas. Depois fui para Londres. Estive também visitando o *Pompidou*, quando estava começando o *Pompidou*. Então foi uma iniciativa bem boa, sim, da Prefeitura me mandar embora para ver o que estava acontecendo.

Depois de 1977 eu me tornei diretora aqui, já com um conhecimento muito grande do sistema de bibliotecas, principalmente da Mário de Andrade, porque a diretoria do departamento funcionava onde é a circulante hoje, então até a gente interferia (a gente!) - eu, lógico! - interferia um pouco demais na administração da Mário de Andrade. Eu considerava a Mário de Andrade uma biblioteca pública, no Brasil, feito a Biblioteca Pública de Nova Iorque, que também coordena o sistema e tem um trabalho, embora bem independente, tem um trabalho muito importante no país. Eu considerava que a Mário de Andrade tinha esta importância no país como segunda maior biblioteca e pelo acervo também.



Muito xereta que eu sempre fui, eu descobri nos porões da Biblioteca, onde ficava o arquivo morto, uma coleção de recortes de jornais - que eu espero que esteja conservada até hoje. Você sabe se está conservada ainda ou não, esta coleção de recortes de jornais desde o tempo do primeiro diretor, desde os retratos do prédio que funcionava aqui do lado onde funcionou a Biblioteca? E comecei também a ler todos os memorandos que existiam, os ofícios dos antigos diretores. Era assim um pouco decepcionante porque você lia o Sérgio Milliet escrevendo que estava... não, o Eurico de Góes, que foi o primeiro diretor, escrevendo, reclamando que não tinha dinheiro para comprar livro, que chovia no teto! Você pegava os memorandos do Sérgio Milliet, a mesma coisa! Era uma choradeira assim e era até reconfortante, você falava: “Ah, não sou só eu que está passando por isso, isto aqui já tem anos de vida!”.

Mas esta fase que peguei da diretoria aqui, foi uma fase muito agradável, com a Prefeitura nas mãos do Olavo Setúbal e o Sábado como Secretário Municipal de Cultura, com todo apoio. Eu tinha reuniões semanais com o Secretário, então tinha uma aproximação muito grande de discutir problemas, projetos. Foi muito bom.

DP: E May, como é que foi sendo pensada e desenhada essa ideia da criação do Centro Cultural?

MBN: Não cabia mais a coleção aqui, já tinha aquela parte que estava lá na biblioteca de Santo Amaro que foi uma biblioteca, eu acho, muito interessante, que foi uma “Mariozinho”, ela é uma miniatura. A “Mariozinho” não tem nada a ver com o bairro, não tem nada a ver com a função de uma biblioteca pública e fizeram uma “Mariozinho” lá. A coleção de periódicos estava toda lá e tinha aquele problema de condução e tal, de pegar quando alguém precisava e então o Dr. Olavo resolveu que... Tinha um projeto de construção de prédios, hotéis e ele não estava muito satisfeito com a ideia e, como havia sempre, há anos este problema de não caber o acervo aqui, então resolveu-se utilizar - porque não haveria tanta gritaria dos empresários que queriam o terreno - de utilizá-lo para um bem social, cultural, que seria uma nova biblioteca. Mudou-se o governo, veio um outro secretário que achou que devia, além de biblioteca, ser um

centro cultural, mas, como ela foi projetada para uma biblioteca-centro cultural, não teve muito problema de adaptação. Houve assim um pouco de grito aqui, de achar que eu tinha tirado a coleção, mas eu, hoje em dia, acho que foi uma coisa certa, porque o básico, o mais importante da coleção, continuou aqui, fora a Seção de Artes, que foi para lá que não cabia mais aqui, que estava estrangulada e comprou-se um acervo mais de uso genérico, de uma grande população.

Depois eu saí daqui e passei um tempo no exílio, lá na biblioteca, com a coleção do Prestes Maia que, aliás, também eu não sei se vocês têm a intenção ou não de trazê-la para cá, que é uma coleção muito valiosa, principalmente na área de planejamento, e que está meio perdida lá em Santo Amaro. Não sei se continua lá. Talvez seja até uma boa ideia tentar trazê-la pra cá.

Depois eu fui ser diretora da Biblioteca do Centro Cultural. Quando eu penso que, em um sábado, nós tivemos sete mil e quinhentas pessoas na Biblioteca! Então eu acho que a função está certa: está servindo ao público e está tendo uma utilidade muito grande para a população. Foi uma loucura aquele dia! Já pensou? Sete mil e quinhentas pessoas!

DP: Isso lá no Centro Cultural?

MBN: No Centro Cultural e cada um, sei lá, pegando em média três livros, era uma loucura a recolocação! Mas, hoje em dia, eu não sei bem como está a situação do Centro Cultural. Aqui, a Biblioteca, já naquela época, já estava meio escolar. Uma vez nós fizemos um levantamento de utilização dos livros da Biblioteca e eu fiquei horrorizada porque o pessoal estava estudando química em livro de 1925! Fizemos uma tentativa de atualização de acervo, principalmente tentando atingir primeiro, segundo e terceiros graus, de faculdade, comprando uma coleção mais para atingir a parte de tecnologia e medicina, além de continuar toda a coleção humanística da Biblioteca.

DP: E, naquela ocasião, quando você assumiu a diretoria do sistema, quais eram os maiores problemas no caso da Mário de Andrade? Eram os mesmo problemas do Sérgio Milliet?

MBN: Em 1975 foi feita uma reforma, até tem um episódio... Você desculpe eu me perder, mas tem umas coisas tão divertidas que aconteciam! As cabines já tinham perdido a finalidade delas, a Seção de Planejamento estava lá. Eu estava um dia vendo as plantas e chegou um funcionário antigo e falou assim: “O Prestes Maia toda a noite aparece aqui para ver o que está acontecendo”. Então, essas coisas aí da Biblioteca...

DP: Mas em termos dos problemas que você enfrentou...

MBN: Problemas assim, de pessoal. Nós tínhamos problema de custar o livro descer da torre, porque nós tínhamos umas senhoras antigas, que custavam às vezes a achar os livros, então tínhamos estes problemas na torre e problemas comuns de administração. Mas, quando eu penso, eram bons aqueles tempos, depois do que se seguiu e do que nós vimos acontecer com a Biblioteca.

DP: Mas em termos de acervo, foi um momento em que a Biblioteca ainda recebeu importantes coleções? Foram formadas importantes coleções?

MBN: Quando eu cheguei aqui, nas Obras Raras tinha vários pacotes. Um problema que tinha era o do processamento técnico. Tinha vários pacotes fechados e embrulhados, de coleções que tinham sido compradas e que não tinham sido mexidas e que também nem me lembro se deu para mexer ou não, quando eu saí. Então o que havia mesmo era um atraso de processamento técnico.

Foi comprada uma coleção de pinturas de bromélias naquela época, não sei se continua aí, de aquarelas de bromélias. Naquele tempo foi feita uma doação, acho que do Pirajá da Silva – até, por coincidência, eu passei nove anos morando na rua Pirajá da Silva, acho que é *karma* isso! O que eu me lembro foi isso.



DP: A coleção do *Carpeaux* também?

MBN: Esta coleção do *Carpeaux* também. Outra coisa, nós tivemos uma doação de manuscritos da família Paula Souza, a viúva do médico, porque foram três gerações de importância para a história do Brasil. O primeiro foi ministro, acho que trabalhou no Pedro I, o segundo, no Pedro II e o terceiro, que era médico, acho que fundou a faculdade de Higiene, alguma coisa assim. E ela achou que tinha que dar para a Biblioteca. Até o Arquivo Municipal ficou meio com o pé atrás, mas eu falei: “Por que não? Se ela quer dar para cá, por que não receber?”. Então recebemos estes manuscritos. Depois, acho que pus uma historiadora fazendo uma descrição da coleção. Acho que tem esta descrição até hoje, dos manuscritos dessa família Paula Souza. Foi uma doação bem importante também. Fomos lá no gabinete do prefeito para fazer a doação, foi assim uma coisa bem importante.

Depois tentamos atualizar o acervo. Até depois me acusaram de não comprar livro de humanidades, mas o problema não era esse. É que quando fizemos o levantamento, vimos que estava totalmente desatualizada a parte de Ciência e Tecnologia. A parte de Humanas eu acho que nós sempre acompanhamos bem a editoração no Brasil.

DP: Quando você entrou aqui a compra de livros era regular?

MBN: Era regular. Outra coisa que nós conseguimos também, depois de muita luta com a Secretaria de Finanças - tinha uma história de pronto pagamento - então nós conseguimos usar o pronto pagamento para comprar as obras que estavam sendo lançadas. Saía o lançamento de um escritor famoso, principalmente brasileiro, nós comprávamos imediatamente o livro, processávamos e já colocávamos nas bibliotecas. Assim, tinha aquela atração da novidade, que não existia, com esse processamento de Secretaria de Finanças e essa demora para comprar livro. Então, com esta história de pronto pagamento, foi ótimo, porque, até as bibliotecas de bairro, que estavam assim

meio mortas quando eu assumi a direção. Então começamos isso. A minha ideia era sempre de uma biblioteca viva, tanto que aqui, na Mário de Andrade, no auditório, nós fizemos coisas maravilhosas de programação.

DP: Do que você lembra, May?

MBN: A Clementina. Eu pensei: “Este auditório vem abaixo!”, porque o pessoal batia palma, batia pé! Eu lembrava aquela história da ponte de quando passa o exército: “Vai cair! Vai cair essa Biblioteca hoje, com a Clementina de Jesus!”.

DP: Isto foi em 1980 ou menos?

MBN: Eu não sei. Quando estava a direção anterior, nós tínhamos reuniões de um conselho. Eu dei muita coisa aqui, que eu tinha guardado de lembrança. Eu talvez possa até ver se eu tenho alguma coisa. Dei alguma coisa para a Marfísia⁴, coisa de memória, mas esta programação cultural, não sei se ficou registrado, porque, quando eu sai, eu deixei encadernado todos os relatórios. Não sei se vocês ainda têm.

DP: Nós temos acesso.

MBN: Ainda bem!

DP: Felizmente, nós ainda temos acesso a essa documentação.

MBN: Então, pelos relatórios, talvez tenha. Trouxe também uma banda que ficou perto da estátua, e aquela banda repercutia na rotunda: “É hoje que cai!”. Fora que a semana Mário de Andrade era sempre um acontecimento, aqui na Biblioteca, muito bem comemorada e com bastante frequência. Todo ano nós tínhamos a comemoração da semana do Mário de Andrade.

⁴ Marfísia Lancelotti: diretora técnica no período de 2003-2005.



DP: E esta concepção da Biblioteca como um Centro Cultural, isto foi na verdade uma inovação desta gestão, do Sábado Magaldi? Você atribui a ele essa requalificação?

MBN: Foi. Eu atribuo ao aceitar a orientação técnica de uma bibliotecária que via a biblioteca como isto: como um centro cultural de irradiação de cultura para todos os bairros onde ela existia e, mesmo aqui, para o centro da cidade. Lembro bastante do problema das filas, porque a biblioteca era pequena para sábado e domingo. As filas que nós tínhamos aqui aos sábados e domingos era muito grande. O pessoal demorava na fila, nós tentávamos... Eu me incluí no plantão da Biblioteca aos sábados e domingos. Então, de vez em quando, eu vinha para sentir a necessidade da população e o que era mais necessário para tentar diminuir esta fila que dava volta no quarteirão.

DP: Isto para eventos culturais?

MBN: Não, para uso da Biblioteca, sábado e domingo!

DP: Final da década de 1970?

MBN: É, fim de 1970. Ficava fila aqui, dando voltas!

DP: Você tem, mais ou menos a noção do perfil deste usuário?

MBN: Neste levantamento que nós fizemos de uso, nós fizemos também de perfil de usuário. Havia muito estudante secundário, mas também universitário, bastante estudante universitário, daí a necessidade que nós tivemos de atualizar o acervo também na parte de Ciência e Tecnologia. Mas esta ideia da Biblioteca Mário de Andrade, antiga, que se tinha dos pesquisadores utilizando a Biblioteca, isto já não existia mais, porque isto foi perdido, na minha opinião, quando as faculdades da Maria Antonia passaram para o *campus* da USP. Eu acho que com isto a Biblioteca perdeu



aquela ligação que tinha com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e com a FAU⁵, que foi tudo embora. Então eu acho que com isto o pessoal começou a utilizar mais o *campus* e fazer pesquisas no *campus*. Realmente as cabines tiveram essa... Eu não me lembro, não posso me lembrar, pode ser que ainda tenham sido utilizadas por pesquisadores, mas não me lembro. Isto nós vemos em todas as grandes bibliotecas no exterior, inclusive dando bolsa de pesquisa para pesquisadores e para escritores para continuarem usando o acervo que tem. Porque eu acho que este acervo aqui é muito pouco explorado, a Biblioteca tem uma coleção que é pouco usada. Eu não sei se falta, se com o IEB⁶ e a USP indo embora e as outras faculdades, eu não sei se houve uma interação, e as outras universidades que surgiram, que não existiam na época, se tem área de pesquisa que pudesse ser utilizado este acervo aqui.

Eu acho que esta utilização desse acervo, depois dessa reforma, tem que ser pensada em termos de uma interação bem grande com as universidades e com áreas de pesquisa que ainda existam nesta cidade, principalmente. Nós tínhamos aqui uma seção que chamava Coleção São Paulo - era em fichas. Naquele tempo era tudo em fichas e tinha um fichário de tudo o que nós tínhamos aqui sobre São Paulo. Não sei se isto continua, se tem acesso a isso ainda. E o Boletim Bibliográfico, eu acho que mostrava mais, antigamente, o que era a Biblioteca e o que se podia fazer de pesquisa na Biblioteca. Não tinha esta função que eu vejo hoje do Boletim. Eu acho uma função mais cultural, mas muito fora da Biblioteca. Eu acho que ele teria que ser mais voltado à exploração do que tem na Biblioteca. Por exemplo: nós fizemos um boletim sobre o Monteiro Lobato, fizemos com a coleção e a bibliografia do que tinha na coleção. Fizemos um, acho que sobre o Rubens Borba de Moraes também. Aliás, eu consegui trazer o Rubens Borba de Moraes para cá, para duas entrevistas.

DP: Tinha um projeto aqui também semelhante a este, na década de oitenta, não? - de história oral...

⁵ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

⁶ Instituto de Estudos Brasileiros.



MBN: Tinha assim: ele não tinha posto os pés na Biblioteca desde o tempo que ele saiu de diretor, porque ele brigou com o Prestes Maia por causa de pontos de vista diferentes de uso de biblioteca, o engenheiro e o humanista em choque. Ele não tinha mais posto os pés aqui, então nós conseguimos que ele viesse. Eu não sei se ainda existe essa gravação do depoimento. Depois eu estive na casa dele para a minha dissertação de mestrado. Fiz uma entrevista com ele com algumas dúvidas que eu tinha em relação à Biblioteca. Parte desta entrevista foi publicada na revista da FEBAB⁷, e também a usei muito na dissertação de mestrado.

Uma coisa que eu acho também é que falta um bibliotecário pesquisador sobre a Biblioteca. Eu deixei a dissertação de mestrado com várias aberturas para continuidade e ninguém continuou nada de pesquisa sobre a Biblioteca aqui, pontos que poderiam ainda ser levantados para continuar. Então essa parte da coleção tem que ser bem estudada, junto com pesquisadores, para incentivar esta futura Biblioteca Mário de Andrade para que ela volte a ser, realmente, um pólo cultural daqui da cidade, um disseminador de informação.

Eu estava lendo agora que Amsterdã acabou de reformar uma biblioteca, de fazer uma nova biblioteca para a cidade, e que no sétimo andar tem um dos melhores restaurantes de Amsterdã. Nós vemos então que a biblioteca continua, apesar da automação, da *web*, ela continua tendo bastante importância pelo mundo afora. Eu acredito que a Biblioteca Mário de Andrade, depois da reforma e com todas as ideias boas que estão aqui... Eu até vim assistir aqui a apresentação do projeto pelo escritório Piratininga.

DP: E o que você achou?

MBN: Eu fiquei meio...Vou falar francamente. Eu sou muito de falar a verdade, não dou para ser política! Eu achei que... Eu não fiquei muito satisfeita.

⁷ Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários.



DP: Por quê?

MBN: Porque eu achei que faltou um embasamento mais cultural. Depois eu acho que nem vim mais naquele ciclo. Não vim mais, mas já tínhamos visto, na outra administração, que já havia um projeto assim, do tempo da administração da prefeita Marta⁸. Nós tínhamos estas reuniões do Conselho da Biblioteca, que eu gostava de vir, então eu vi uns desenhos do projeto. Acho ótima ideia ter aqui este prédio do IPESP⁹. Vocês trariam a coleção também de jornais e revistas que está lá, trariam também a Prestes Maia. Está certo, está ótimo, porque eu realmente curti muito ver a coleção do Prestes Maia, porque é uma coleção bem interessante também.

DP: May, você falou um pouco sobre a formação. Eu gostaria que você nos contasse um pouco se você acompanha... acho que você é ligada às instituições de bibliotecários.

MBN: Inclusive a nível internacional, sempre trabalhei com a Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições. Fiz parte da Seção de Bibliotecas Públicas e depois da Seção da América Latina e do Caribe e eu tento sempre acompanhar o que está acontecendo na área de bibliotecas.

DP: Este intercâmbio internacional é muito forte, nós percebemos na sua trajetória que você teve a possibilidade de estar em comunicação.

MBN: Eu penso que não podemos achar que temos que imitar. Temos que ver o que acontece e adaptar aquilo ao que corresponde a nossa realidade. Mas a biblioteca, como centro cultural, eu acho que é uma tendência que até continua. Um centro, como *Pompidou*, foi reidealizado, mas continua sendo uma biblioteca muito utilizada, com muitas pesquisas sendo feitas. As grandes bibliotecas nacionais, todas estão com

⁸ Marta Suplicy, prefeita de São Paulo de 2000 a 2004.

⁹ Instituto de Previdência do Estado de São Paulo.



segundos prédios: a de Paris, com todo nosso piso de ipê brasileiro, na nova Biblioteca de Paris - nova não, de uns cinco ou seis anos atrás.

Mas isso nós temos que ver a realidade da cidade, da população. Essa mudança constante de São Paulo... me lembro de quando eu estava estudando o crescimento de São Paulo, tinha uma época em que a cidade recebia duzentas e trinta mil pessoas por ano! Como é que uma cidade pode corresponder em relação à cultura, saúde, educação, a este crescimento? Eu sinto esta vibração de São Paulo, então eu acho que esta Biblioteca... um ano e meio que vocês vão demorar?

DP: Na ocasião que você foi diretora do Sistema, quanto tempo demorou esta travessia até a constituição do Centro Cultural? Foram muitos anos, de estudo?

MBN: Não, não foi tanto assim. Foi de 1975 a 1980.

DP: 1982?

MBN:1982. É, a memória já está falhando. Em 1975 eu vim para cá e acho que foram os estudos para fazer o programa para a biblioteca que demoraram um pouco. Depois foi contratada uma firma para colocar aquele estudo teórico em espaço e depois esta firma conseguiu vencer a concorrência para a construção. Eu me lembro que os engenheiros não queriam conservar aquela área de reserva original que tem no Centro Cultural. O Eurico Prado Lopes, que era o arquiteto, dizia assim: "Ah! Este aqui é o vaso mais caro do mundo!", porque foi de concreto, para segurar, mas tinha assessores de fora e foi um bom aprendizado também.

DP: E esta comissão de estudo para a criação do Centro Cultural foi composta por vários representantes de instituições culturais da Prefeitura, da Secretária de Cultura?

MBN: Da Prefeitura, não: era a diretora daqui, eu, como chefe de planejamento tinha uma bibliotecária que era do Instituto de Energia Atômica da USP, três bibliotecários da



USP e um arquiteto indicado pela EMURB¹⁰, que teoricamente estava encarregado do projeto arquitetônico. Então tinha um arquiteto também acompanhando.

DP: E houve uma mudança? Porque, inicialmente, o Centro Cultural foi pensado como anexo. Em que momento há esta inflexão, que ele deixa de ser pensado como anexo?

MBN: Foi quando houve uma mudança de administração pública. Aliás, este é um problema do Brasil: muda a administração, muda tudo, mas, em termos da biblioteca, eu acho que ela sobreviveu como biblioteca lá e não retirou o público da Mário de Andrade. Ela criou um público novo, porque você continuava tendo fila aqui e lá, aos sábados e domingos, e depois ela estava no caminho do Metrô. Mas as duas bibliotecas continuaram servindo bem a população.

DP: E você, como bibliotecária, a questão da quebra do acervo, não é vista por você como um problema?

MBN: Não, não vejo. Eu não vejo como um problema porque o que foi para lá era o que era mais recente na editoração, quer dizer, as obras básicas, clássicas, ficaram aqui. O que tentou-se também... Nós fomos comprando um acervo paralelo ao acervo contemporâneo para lá. Então aqui não deixou de ter esta atualização de acervo, porque para o acervo contemporâneo eram comprados exemplares para lá e para cá.

DP: Por parte dos funcionários mais antigos, até hoje, há uma relação de ressentimento, considerado como uma ruptura, identificando isto como início da decadência da Biblioteca. Eu gostaria que você falasse como foi naquele momento a relação com os funcionários.

MBN: Eu acho que a decadência não começou aí, não. Porque, quando eu vim para cá em 1975, o público já era este de universitários e secundário. Não havia intelectuais

¹⁰ Empresa Municipal de Urbanismo.



frequentando a biblioteca, não havia. Havia um grupinho do Instituto Histórico que estava sempre aqui, mas, que eu me lembre, era esse grupo. Não havia nada assim de demanda, de aprofundamento do uso da coleção. Não havia.

DP: Em termos de frequência, de números, você lembra a média de usuários?

MBN: Olha, isto está tudo nos relatórios. Era bem grande! Se eu te conto que havia filas aos sábados e domingos, quer dizer, o número de usuários era bem grande.

DP: Quanto às bibliotecas de bairro, eu gostaria que você falasse um pouco sobre como foi pensada esta relação da Mário de Andrade, a singularidade da Mário em relação às outras bibliotecas, como elas funcionavam.

MBN: Sabe que eu tentei até fazer aqui na Mário de Andrade um incentivo às pesquisas nas bibliotecas de bairro. Teve um projeto que fizemos, de iniciação à pesquisa bibliográfica com as escolas municipais nas bibliotecas de bairro, e nós trazíamos este pessoal aqui na Mário, para depois ver se formávamos um público que já soubesse pesquisar na Mário de Andrade. Foi um projeto muito bonito que nós utilizávamos, por exemplo, a microfilmagem e botávamos o primeiro gol do Corinthians para incentivar a molecada à pesquisa e mostrar como ela era feita. Até eu tenho cópia em casa, que eu guardei, das apostilas que nós distribuíamos para a molecada para aprender a pesquisar.

Outro ponto é a formação deste público para vir, voltar a frequentar a Mário, com esta ideia já de pesquisa e não só de trabalho escolar, porque trabalho escolar, daqui a pouco, com a *web*, ninguém mais vai fazer pesquisa bibliográfica para o trabalho escolar, tem vários *sites* com trabalhos escolares prontos. Eu tinha uma empregada que estava fazendo colegial e eu sempre fazia trabalhos pela *web* para ela.

Mas esta formação é uma coisa... Como vocês vão ter dezoito meses pela frente, eu acho que a criação deste público, para utilizar o acervo... Porque, como eu falei, com esta mudança, com a USP indo embora e agora há tantas universidades aqui, quer

dizer, como se pode formar este público pesquisador aqui? Não só pensando em trazer pesquisador da USP aqui, se eles têm tudo o que precisam lá. Como é que você vê isso? Estou jogando a bola, vamos discutir!

Luís Francisco Carvalho Filho¹¹: Posso falar?

DP: Deve!

LFCF: Eu acho que existe espaço. A biblioteca jamais será como antigamente, não pode existir esta perspectiva. Mas acho que existe espaço, sim, para que este acervo, não só de obras raras, mas sobretudo a coleção geral. É muito difícil hoje, porque existe uma desproporção entre acervo e pesquisador. Nós temos estudantes fazendo um trabalho escolar e examinando livro didático, a nossa ideia é não afastar este público, mas concentrá-lo em uma grande biblioteca circulante e reservar a coleção geral reorganizada, etc, para ser utilizada. Eu acho que existe espaço, em uma cidade como São Paulo, para que os pesquisadores passem temporadas na Biblioteca Mário de Andrade, utilizando esse acervo que é precioso. Até os anos 1960/70 se comprava tudo e hoje nós temos um hiato de verbas, durante muitos anos, para a biblioteca comprar os seus livros, não sei se você sabe disso.

MBN: Foi a tristeza daquela administração de oito anos.

LFCF: Mas não é só isso. A Biblioteca não participava do processo de compras, então o Departamento definia quais eram os livros que seriam comprados e um exemplar vinha para cá, então nós recebíamos o mesmo tipo de publicação que ia para a rede como um todo.

¹¹ Diretor da Biblioteca de 2005 a 2008.



MBN: E às vezes ia para a rede sem precisar ir para a rede. Eu me lembro, eu participei, no tempo da prefeita Marta, de um grupo de aquisição, que foi feita uma grande, de livros, e a seleção ignorava a demanda dos bairros.

LFCF: Que são demandas diferentes!

MBN: Claro! Completamente diferentes.

LFCF: Não se justifica comprar livros sofisticados que serão lidos sabe-se lá quando, então o objetivo é que a Biblioteca seja uma biblioteca de preservação e de pesquisa.

MBN: Está certo! Talvez até, com bolsas, a FAPESP¹² talvez possa dar umas bolsas de pesquisa para o pesquisador utilizar a biblioteca com o acervo da biblioteca, fazer um projeto para que a FAPESP possa dar bolsas específicas para uso da coleção. Mas eu acho, não sei se você concorda comigo, que esta perda começou com a saída do pessoal da Maria Antonia, você concorda?

LFCF: Antes só existia a biblioteca e passou a existir uma concorrência. As Bibliotecas universitárias cumpriram esse papel. O grande problema é o seguinte: a Biblioteca Mario de Andrade não soube se posicionar; neste momento ela continuou a viver da própria tradição, das próprias glórias, como se isso fosse natural e é um processo lento de recuperação, ela não se atualizou.

MBN: Eu espero estar viva para ver isto acontecer!

DP: Eu gostaria que você falasse um pouco sobre a capacitação dos funcionários, se vocês desenvolveram alguns projetos.

¹² Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.



MBN: Desenvolvemos sim. Eu sou casada com um pesquisador da USP e sempre gostei muito de pesquisa, porque teve uma bibliotecária muito importante na biblioteconomia brasileira que se chamou Laura Russo e, quando eu voltei dos EUA, fui trabalhar no departamento de documentação da Prefeitura, que ela tinha fundado, e aprendi muito com as duas grandes bibliotecárias: a Laura Russo e a Noemi Duval Penteado, aqui.

E Dona Laura sempre incentivou que nós fizéssemos trabalhos na área de biblioteconomia, bem simples até, o meu primeiro trabalho foi bem simples. Enquanto eu fui diretora, eu tentei fazer com que o pessoal ao menos descrevesse, porque a Biblioteca sempre foi pioneira, era a biblioteca pública mais importante do Brasil, e era mais ou menos um modelo para as bibliotecas públicas brasileiras. Eu tentei incentivar bastante que todo mundo escrevesse um pouco, ou sobre o que fazia ou algum resultado do trabalho feito tanto aqui dentro, quanto nas ramais. Eu tenho em casa, acho que ainda tenho, uma relação de todos os trabalhos que foram apresentados em congressos ou em revistas que foram feitos aqui pelo Departamento, pelo Sistema de Bibliotecas Públicas.

O pessoal queria me matar, porque dá trabalho fazer pesquisa, escrever. Foi uma reação que nem conto para vocês! Mas houve um bendito concurso de acesso, que os trabalhos que se publicavam contavam pontos para você passar de letra: A,B,C,D, não sei o quê. Então todos do Departamento passaram na frente de todo mundo, porque tinham trabalho publicado. Aí, acho que reconheceram, mas foi muito difícil de fazer. Depois o pessoal de BIJ¹³, uns três ou quatro fizeram mestrado, mas acho que depois de mim, aqui no Departamento, ninguém mais fez mestrado, não. É difícil fazer, eu sei que é difícil.

LFCE: Como você vê a formação dos bibliotecários hoje, nas escolas?

¹³ Bibliotecas Infante-Juvenis.



MBN: Tem duas escolas mais utilizadas aqui: a ECA¹⁴ e a Sociologia e Política. A ECA é mais voltada, eu acho, para empresa; e a Sociologia sempre foi um curso, acho que muito fraco. Não sei como está hoje, eu realmente não tenho condições de responder. Eu, por exemplo, não sei quantas pessoas têm mestrado e doutorado e dando aula nas faculdades por aqui. Tem umas faculdades no interior que estão boas, formando um pessoal muito bom.

DP: Quais são, May?

MBN: Acho que Marília.

DP: De Ciência da Informação?

MBN: É, de Ciência da Informação. Mas eu acho que sempre faltou ao bibliotecário, não sei se na Prefeitura, porque o salário é muito baixo, ninguém sentia um incentivo para ir adiante, para escrever. Nós tivemos alguns cursos aqui. Eu acho que é um ponto a ser abordado para esta nova biblioteca, essa capacitação, tentar fazer com que o bibliotecário leia e escreva, acho que isto é uma coisa muito importante.

DP: O que foi marcante na sua formação, você fez o *Sedes*¹⁵? Gostaria que você falasse um pouco da estrutura do curso naquele momento, porque é sempre elogiada a formação dos bibliotecários da sua geração.

MBN: Pois é. Naquele tempo não havia tecnologia, a biblioteconomia era uma formação bem humanística. Por exemplo, nós tínhamos História do Livro dada por um italiano muito engraçado, que também dava aula de italiano, então nós tínhamos um ano de italiano, um ano de alemão e as aulas de português eram com o Massaud Moisés, que tem vários livros publicados de português. Havia um corpo docente muito bom nessa escola, eu não sei se a parte de processos técnicos também era boa. Por

¹⁴ Escola de Comunicações e Artes.

¹⁵ Instituto Sedes Sapientiae.



exemplo, nós tivemos uma matéria muito bem dada por uma pessoa com uma formação bem grande em humanidades, que foi Seleção de Livros para Formação de Acervo. Era uma matéria muito bem dada. Tinha também uma professora de Organização de Administração que era muito boa, muito conhecida: Dna. Maria Antonieta Ferraz. Foi um curso muito bom, até hoje ainda guardo umas anotações. Outro dia, fui ler a História do Livro que guardei até hoje e disse: “Nossa, como foi bem dado! Como realmente estudamos bastante!”. Nós aumentamos nossa formação humanística para ser uma bibliotecária. Acho que talvez falte isso na ECA: ela é mais voltada à tecnologia e lhe falta essa formação humanística. Eu acho que precisa do bibliotecário; mesmo com os computadores, acho que ainda precisamos desta formação.

DP: May, dessas experiências todas, desses intercâmbios que você estabeleceu, eu gostaria que você contasse um pouco das bibliotecas públicas que você conheceu, de bibliotecários de bibliotecas de outros países que você considera que seja paradigmático.

MBN: Funcionava muito bem na Venezuela. Hoje, olho para a Venezuela e morro do coração, porque a presidente da Biblioteca Nacional era a filha do Rômulo Bittencourt, Ele foi a pessoa que era civil e que reintroduziu a democracia na Venezuela. Com a Virgínia Bittencourt, que era filha do Rômulo, ela se tornou um paradigma de biblioteca pública e de serviços, tanto na Biblioteca Nacional, quanto nas de bairro, aquele serviço de informação comunitária, que nós até começamos aqui. Tudo mais ou menos foi inspirado no que se fazia na Europa e que ela adaptou para Venezuela e que nós começamos aqui. Não sei se vocês têm registros, era um serviço que chamávamos de “dicas”, aqui. A Jovem Pan tinha um programa de rádio e toda hora nos telefonava para darmos respostas para os leitores e eu falei: “Por que não utilizar isto e difundir a biblioteca?”. Então fizemos um convênio com a Jovem Pan e ela dava crédito para a Biblioteca. Eu publiquei um trabalho sobre esta interação com a rádio e este serviço de utilidade pública através da Biblioteca.

Isto também trouxe uma repercussão bem grande sobre o trabalho da Biblioteca Mário de Andrade como um centro de informação. Eu tenho este trabalho, não sei se vocês tem este trabalho aí. Caso não tenham, eu posso emprestar, vocês tiram cópia ou digitalizam, se quiserem, porque foi muito importante para a Biblioteca esta interação com o rádio, de serviço à comunidade, de informação comunitária. Não tem nada a ver com isso (se vocês quiserem cópia disso, tirem depois), mas eu estava em uma conferência em Caracas, nesta Associação da América Latina e Caribe da IFLA¹⁶, e nós ficamos um dia inteiro no hotel porque o presidente tinha metralhado o Palácio do Governo, este que é o presidente da Venezuela, o Chávez. Então nós passamos o dia inteiro no hotel, fechados, porque não sabíamos o que estava acontecendo. Daí o golpe que ele queria dar foi abortado e no dia seguinte nós continuamos o evento para o qual tínhamos ido.

Outra coisa que fazíamos aqui: nós sediávamos, na biblioteca pública, o Encontro Nacional de Bibliotecas Públicas promovido pela FEBAB¹⁷. Então nós sempre sediávamos, aqui na Mário de Andrade, também este encontro de bibliotecários da área pública e que trouxe uma repercussão muito grande no Brasil. Teve até um congresso lá no Maranhão e eu fui parar na casa do ex-presidente Sarney, porque a bibliotecária daqui era da biblioteca pública de lá e, quando chegamos lá, ela acabou me levando. Ela era co-cunhada do Sarney e me levou em um jantar na casa do Sarney, que tem uma coleção de santos barrocos maravilhosa.

Então era este centro difusor do que acontecia em biblioteca pública, a Mário de Andrade e Caracas, Venezuela, que teve esta grande influência, depois foram estas adaptações. Eu tenho relatos no Boletim da Mário de Andrade porque, quando eu viajava, ou me mandavam para fora, eu achava que tinha a obrigação de contar para todos o que estava acontecendo. Então eu fazia reuniões aqui dos bibliotecários. Vinham todos dos bairros para eu contar o que tinha visto lá fora, acho que até no Boletim Bibliográfico eu punha o relato dessas viagens para saberem o que estava acontecendo lá fora.

¹⁶ International Federation of Library Associations and Institutions.

¹⁷ Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários.



DP: E o que pôde ser adaptado destas experiências todas? Você lembra de algo especial que você trouxe e fez os ajustes necessários naquela época?

MBN: Esse serviço de informação e, principalmente, a coisa da biblioteca ser uma biblioteca viva. As bibliotecas de bairro eram completamente mortas, não tinha público, ninguém, eu pensei: “O que vamos fazer?”. Eu também não sei se isto foi da minha cabeça ou tirei de algum lugar, mas nós fizemos um dia de ação cultural nas bibliotecas com o pessoal do bairro. Apareceram pessoas para ensinarem a fazer pipas, palhaços do bairro, todos que tinham algo para mostrar do que acontecia no bairro. Passavam esses dois dias e as bibliotecárias quase me matavam, porque dava um bruta trabalho!

Outra coisa que também foi muito boa na época, que não sei se foi de fora, era o “Escritor na Biblioteca”. Isto começou na gestão do Sábato Magaldi, a esposa dele também incentivava bastante, nós trouxemos para a Mário da Andrade todos os grandes escritores brasileiros. Olha, mas tinha um público, uma demanda que enchia, ficavam filas, todos querendo ver os grandes escritores. Eram dois, três por noite dando depoimento da vida deles. Chamava-se: “Escritor Brasileiro na Biblioteca”. Depois nós fizemos nos bairros também, mas começou trazendo todos os grandes. Você, quando inaugurar, faz isto: traz todos os grandes para cá. Foi um sucesso! A Biblioteca tinha espaço nos jornais, também.

Aliás, hoje eu li um artigo na internet que a Biblioteca Nacional vai fazer um arquipélago das ilhas das obras que estão em domínio público. Hoje saiu uma notícia sobre isto e a última linha fala da Mário de Andrade. Está no *site d’O Estadão*. É bom você ler, fala que a Mário de Andrade não está integrada nisto, algo assim. Fala do que já está digitalizado aqui, não sei se vocês continuam tendo estes recortes de jornais sobre a Mário de Andrade?

DP: Sim.

MBN: Continuam? Que bom! Tem esta nota que a Mário de Andrade está distanciada disto. Eu acompanho tudo o que acontece com a Mário de Andrade. Eu estou vibrando aqui!

Rita de Cássia D'Angelo¹⁸: A coleção Prestes Maia, em livro, ela foi para a Biblioteca. Por isto mudou o nome Prestes Maia, porque lá vai ser uma temática de urbanismo. A parte de jornais vem aqui para nós.

LFCF: Nós vamos liberar a Biblioteca para ele, porque queremos fazer uma biblioteca de urbanismo, inclusive com os projetos que estão arquivados em vários órgãos da prefeitura, vai ser bastante interessante!

MBN: Outra coisa que eu tinha visto lá e depois procurei e não sei o que aconteceu, era um caderno quadriculado do Prestes Maia.

RCD: Manuscrito?

MBN: Sim. Depois que eu sai de lá, fui procurar e não achei.

LFCF: Precisamos ver, não está sob nossa administração. A biblioteca de Santo Amaro é quem cuida. A biblioteca de Santo Amaro, como biblioteca de bairro, tem um andar do Prestes Maia, eles que administram.

MBN: Aquilo antigamente era administrado por aqui!

LFCF: Nossa é a coleção de jornais, a coleção do Prestes Maia é deles.

MBN: Mas tem que se recuperar isto, historicamente, porque era da Mário de Andrade, inclusive os termos de doação.

¹⁸ Diretora da Divisão de Acervo de 2005 a 2009.



LFCF: Mas achar estes termos..., do Carpeaux eu não achei o processo. Eu tenho pedaços, achar um número de processo você imagina como é!

MBN: Eu tenho umas coisas que eu guardei em casa. Eu dei para a Marfisia. Por exemplo, você estava falando de alguma coisa nova, a biblioteca não tinha *folder* nenhum, nunca tinha feito. O primeiro *folder* já chegou às mãos de vocês? Horrroso: Bege, laranja e preto!

LFCF: Ele foi desbotando e ficou bege!

MBN: Eu tenho, preciso ver nos meus arquivos. Já que vocês estão com esta preocupação histórica, eu vou passar adiante.

LFCF: É importante, mesmo que você não queira doar, nós digitalizamos.

MBN: Estes artigos sobre o trabalho que fazíamos com o rádio, eu tenho. Talvez eu possa passar, vendo a minha bibliografia de trabalhos publicados o que eu tenho do que se passou aqui na Mário de Andrade.

LFCF: A Célia¹⁹ fez um trabalho muito interessante de organização desta documentação que é muito bacana e nós permitimos desenvolver este projeto de Memória Oral, que é outra oportunidade de recuperar isto.

MBN: Quando eu morei nos EUA, meus filhos eram pequenos e íamos sempre à biblioteca pública e naquele tempo tinham uns cartões - não havia ainda computador - e os empréstimos eram feitos através daqueles cartões perfurados: uma história da biblioteconomia! Eu sempre via fora todo mundo já preocupado com a automação de bibliotecas e já em processo de automação, então eu acho que um pouco

¹⁹ Célia Reis Camargo: pesquisadora.



audaciosamente para época - eu reconheço hoje - eu resolvi que nós tínhamos que automatizar, tentar. Tinha este lapso de processamento técnico, eu achava tudo muito manual. Tinha uma maquininha que tirava cópia de todas as fichas para irem para as bibliotecas ramais, uma máquina maravilhosa!

Dr. Sábato topou a ideia, o Prefeito também e começamos a trabalhar junto com a PRODAM²⁰ na identificação do que poderíamos fazer. Foram feitos vários estudos e a PRODAM achou que São Bernardo tinha um projeto incipiente, já de automação, mas que não atendia a demanda daqui. Então se estudou o que existia fora e o DOBIS/LIBIS²¹ era o que existia na época e o que era mais utilizado em grandes e boas bibliotecas. Tentou-se implantar aqui. Era um *software* muito complicado, a PRODAM nunca deu, eu acho, a atenção devida ao desenvolvimento do *software* e foi indo assim, mas hoje, eu sei que vocês estão com outro programa de automação e o DOBIS parou de existir, porque acabaram surgindo grandes empresas que foram dominando. Por exemplo a USP comprou, acho que é israelense a empresa, custa caríssimo o projeto. Mas alguma coisa foi feita de automação e talvez até, embora não tenha sido muito bem sucedida, foi uma coisa que chamou a automação, que precisava disso naquele momento. Foi isto que aconteceu com o DOBIS/LIBIS; talvez se tivesse um pouco mais de... Eu criei grupos aqui de trabalho para estudar, junto com a PRODAM, mas ela colocou dois analistas e depois eles foram embora e nunca deu muito certo. Agora sei que este sistema, acho que está sendo usado, como chama a firma aqui?

DP: *Alexandria*.

MBN: *Alexandria*? Eu acho que a técnica do *Alexandria* trabalhou talvez até no DOBIS/LIBIS. Por isto que eu acho que ela tentou adaptar e desenvolver o *Alexandria* baseada nos princípios do DOBIS

LFCF: Você conhece o *Alexandria*? Tem alguma avaliação dele?

²⁰ Processamento de Dados do Município.

²¹ Dortmund Library System - *software* belga-alemão, desenvolvido na Universidade de Dortmund, Alemanha.



MBN: Não, não tenho. Até na USP, há uns dois ou três anos atrás, houve até um problema por causa dessa aquisição deste pacote israelense. Teve um grupo lá que se rebelou, achou que foi mal feito. Teve uma história assim, não teve? Mas realmente o *Alexandria* eu não estudei a fundo.

DP: Como você acha que estes dispositivos podem ajudar no trabalho dos bibliotecários?

MBN: Você não pode ignorar o uso que você tem que fazer do computador e tudo o que se pode fazer com ele. Por exemplo, desde a seleção de filmes e livros, vai para base de dados de editoras e já pega a nota da editora e já coloca na sua seleção como uma desiderata e já vai desenvolvendo aquilo. Nos países desenvolvidos a catalogação é feita por auxiliar de biblioteca, não a classificação, que é mais específica, mas a catalogação, estas regrinhas. Eu não gosto muito de catalogação, é o técnico de biblioteca quem faz, que tem mais uma formação para isto.

Você havia perguntado da influência do que eu tinha visto, acho que automação foi, mas foi uma coisa que eu vi como usuária nos EUA. Eu tive uma decepção com a biblioteca pública quando eu vim para o Brasil, porque eu nunca achei que fosse trabalhar em biblioteca pública. Meus filhos estavam acostumados a retirar livros na biblioteca, porque no Brasil e fora do Brasil, mesmo quem tem poder aquisitivo grande, compra seu livro, mas não deixa de ir a biblioteca. Eu cheguei lá na biblioteca infantil e não podia usar, porque tinha que ter cinco anos, ser alfabetizado, eu disse: “Meu Deus, aonde vim parar!”. Quer dizer, eu tive aquele choque cultural porque passamos fora do Brasil a época da ditadura. Nós voltamos em 1971 quando já estava começando a melhorar um pouco, senão não teríamos nem voltado, mas teve isto: “Não pode! criança não pode usar a biblioteca!” E lá nos EUA minha neta com oito meses de idade podia ir na biblioteca. Estas coisas que eu acho que não é “macaquismo”, é formação!

Um dia meu filho chegou da escola, estava sendo alfabetizado, ele falou: “Eu preciso procurar na lista telefônica o nosso endereço, endereço do médico e o



endereço da escola”, quer dizer, com seis anos, aquele pesquisador estava sendo formado para procurar uma informação em uma obra de referência que era a lista telefônica. Então eu acho que este problema de formação do pesquisador e do leitor é um problema. A biblioteca pública tem uma função muito grande e não sei como isto está sendo feito.

DP: Vocês desenvolveram projetos nesta direção May, de formação de novos leitores?

MBN: Não, só este projeto de pesquisa que nós fizemos junto com a Secretaria de Educação. Por nossa parte, funcionou muito bem. Com a Secretaria de Educação do Município nós tivemos um problema. Moleque é muito vivo, era sétima ou oitava série que estávamos trabalhando para que, quando eles viessem para o colegial, já pudessem usar as bibliotecas com mais conhecimento da coleção, de metodologia, de pesquisa. A molecada ficou boa naquilo e começou a questionar os professores e o professor não tinha ideia de metodologia de pesquisa e então eles acabaram com o nosso projeto. Vocês estão rindo! Foi muito triste, era um projeto bonito! - “Mas como? Para dar aula tem que estar inscrito não sei onde, estar registrado, ter formação!”. Eu, muito viva, tinha posto só pedagoga para ir dar aula sobre pesquisa nas escolas. Disto nós vemos como era a formação dos professores e provavelmente continua assim. Tem professor que não tem ideia de metodologia de pesquisa, que não pode transmitir isto para os seus alunos. Foi muito engraçado, a molecada pegou tudo logo! Eu tinha esta chefe de planejamento que também desenhava muito bem, era muito boa, as apostilas eram uma graça. Não sei se mandei para a Marfísia. Talvez eu possa trazer um pacote e trazer aqui o que vocês acham que seja necessário.

Eu gostaria de deixar esta mensagem para os bibliotecários, os que trabalham na biblioteca, não necessariamente só bibliotecário, que hoje a multidisciplinaridade é uma necessidade nas bibliotecas. E, para vocês aqui da Mário neste tempo, aproveitem, fazerem bastante pesquisa e trabalhem na história da Biblioteca que acho que isto está sendo ótimo! Mais alguma coisa?



DP: May, você, como leitora, falou que tudo começou porque você era uma amante de livros. Hoje, quais são os livros que você revisita com regularidade, que são referências para você, para sua vida?

MBN: Eu tive uma experiência muito interessante na minha vida, muito interessante. Quando eu estava estudando biblioteconomia, eu era sócia de um clube que resolveu fazer uma biblioteca só para mostrar para os sócios que tinha uma biblioteca bem encadernada, bem bonita. Depois de catalogar as obras completas de todos os grandes autores do mundo, eu não tinha muito mais o que fazer, então eu li, li, li, todos os grandes clássicos, foi muito bom também. Hoje eu moro em um condomínio muito bom. O condomínio tem uma biblioteca e uma coleção de DVDs e é tão bom! Eles têm todos os clássicos lá. Quando eu cheguei havia um monte de lixaria para pôr para fora. Agora tem todos os clássicos lá, que nós ainda conseguimos acompanhar e sempre reler alguma coisa boa.

Eu não tenho muito livro em casa. Meu marido me diz que eu sou a pior bibliotecária do mundo, porque eu não guardo livro. Acho que livro tem que movimentar! Eu não guardo livros em casa, só tenho os grandes clássicos da literatura brasileira e releio com grande satisfação e com surpresa, sempre. Eu tenho a coleção completa de Machado de Assis, daquela antiga de capinha cinza. Dei uma de presente para o meu marido que também gosta muito de Machado de Assis. Guimarães Rosa é sempre importante ler. Depois, os filhos se formando, fui acompanhando e orientando a leitura de filhos e hoje acompanho a literatura infantil, também com os netos. Felizmente os pais são grandes leitores e os netos também são todos leitores e gostam muito de ler, todos os três. Eu acho que passar em casa o gosto pelo livro é algo bem importante.

Nas creches do município, eu não sei se o livro é encarado como um brinquedo, como é nos outros países onde as crianças começam, mesmo antes de um ano de idade, a ir para a biblioteca. Tem aquelas caixas cheias de livros e revistas que as crianças podem manusear como manuseiam brinquedos. Estas coisas são tão simples! Não é “macaquismo”, é como o incentivo à pesquisa, é coisa que, infelizmente, no Brasil, nós ainda não fazemos, mas, como diz a música: “Um dia há de chegar!”



DP: Muito obrigada! Eu agradeço, em nome da Biblioteca, sua presença, sua disponibilidade para estar aqui conosco compartilhando as suas memórias!

MBN: Eu agradeço o convite, agradeço a atenção aqui de todos e estou completamente à disposição do que vocês precisarem em relação a Mário de Andrade: me telefonem, mandem e-mail. De vez em quando eu revejo meu arquivo de trabalho. Inclusive, uma vez eu te mandei aqui um monte de folhetos de bibliotecas do exterior para cá, não sei se guardaram ou não. Revejo e vou ver o que talvez ainda tenha da Mário de Andrade, que vocês não tenham, talvez esta lista de trabalhos publicados. Eu não sei, acho que vocês não têm meus trabalhos. Estes do rádio, eu posso ver os trabalhos que fiz motivada pela biblioteca, além da dissertação de mestrado, e prometo que mando ou alguém passa lá em casa, para vocês utilizarem como quiserem. Depois, se quiser devolver, devolve. Acho que já não estou mais em época de guardar.

DP: Obrigada!

